

ESTRADAS DA VIDA



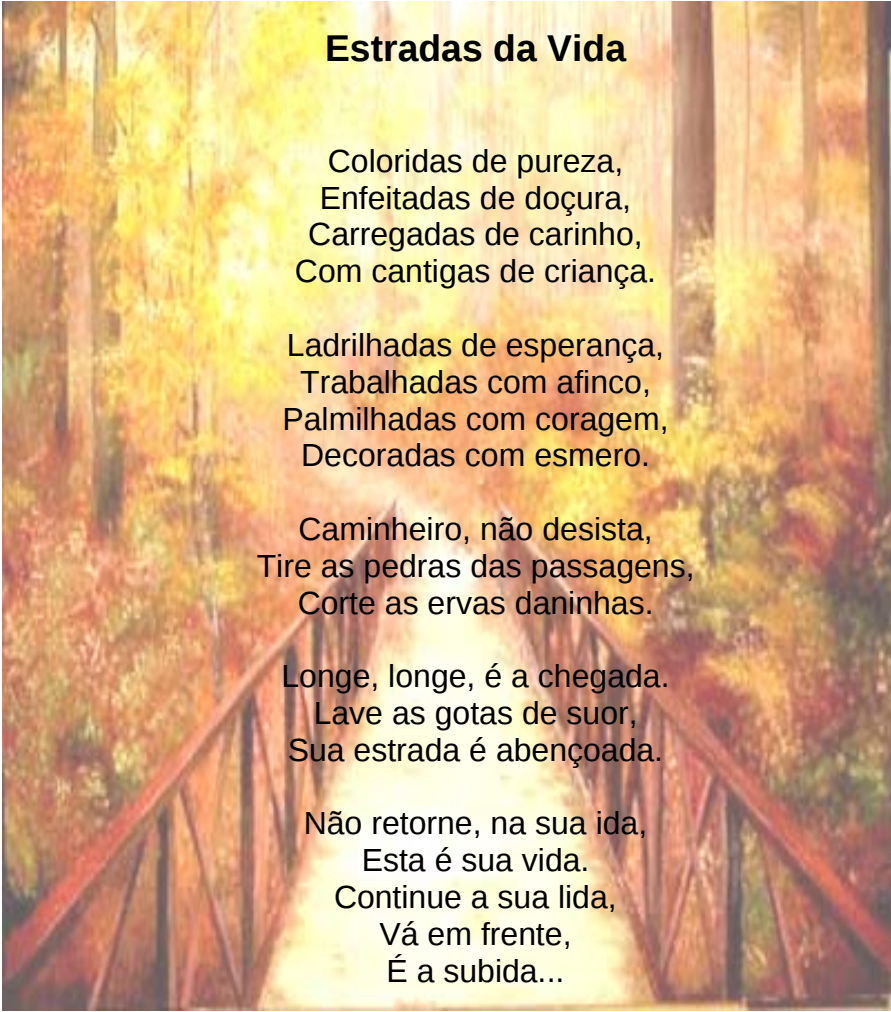
Maria Beatriz



**“Na vida, a grande virtude
não é correr na jornada,
mas, sem pressa e em plenitude,
completar a caminhada.”**

Maria Helena C. M. Duarte

Dezembro 2010



Estradas da Vida

Coloridas de pureza,
Enfeitadas de doçura,
Carregadas de carinho,
Com cantigas de criança.

Ladrilhadas de esperança,
Trabalhadas com afinco,
Palmilhadas com coragem,
Decoradas com esmero.

Caminheiro, não desista,
Tire as pedras das passagens,
Corte as ervas daninhas.

Longe, longe, é a chegada.
Lave as gotas de suor,
Sua estrada é abençoada.

Não retorne, na sua ida,
Esta é sua vida.
Continue a sua lida,
Vá em frente,
É a subida...



“A todos que me ajudaram
a percorrer a longa
estrada da vida.”

Algumas Palavras

Só tenho a agradecer
a todos que me levaram a escrever
o que me dá muito prazer

Nestes momentos de elaboração,
somem todas as dificuldades,
que rodeiam o dia a dia.

Afloram lembranças, cenas observadas,
pessoas queridas, momentos vividos.
Isso não só me traz equilíbrio, como também alegria.

Meus textos são simples,
escritos com a imaginação
e o coração.

E, assim, foram brotando:
“Pedaços do Coração”
“Menina de Olhos de Noite”
“Encantamento”
“Entardecer”
“Folhas de Outono”
“Recantos Encantados”
“Gotas de Orvalho”
“Passagens”

*Além da participação, nas “Antologias”, coordenadas por Débora
Novaes de Castro (Editora Vip Work Ed.-2008):*

*Poemas-“Canto do Poeta”
Trovas-“Espiral de Trovas”
Haicais-“Haicais ao Sol”*

Mais uma palavra: se não fosse o grupo tão querido da “Oficina
de Criatividade”, que tanto me motivou, jamais teriam surgido
todos os textos escritos.

ÍNDICE

POEMAS.....	7
Fragmentos.....	8
Instantes.....	9
E a vida continua.....	10
Que delícia... ser criança !	12
Perfume de amor	14
Filmar... que prazer!	15
PROSAS	18
O rastro luminoso de um cometa... ..	19
Balanço da vida.....	22
Em busca de um sonho... ..	24
Caminhar.... na corda bamba da vida	25
Coitada da Teimosa, por pouco!.....	27
O prometido... quase impossível	28
A cantora francesa	30
O Professor “Sabe Tudo”	31
Em busca do outro.....	33
As roseiras.....	35
O esperado jantar	36



Fragmentos

Canções de ninar
nos colos a embalar.

Cantigas pelo ar
de crianças a dançar.

Romances nas canções
unindo corações

Olhares a cruzar
flores a enfeitar
mãos a entrelaçar.

Aniversários a festejar
velinhas apagar
tanto a comemorar.

Canções de partida
lágrimas sentidas
por pessoas queridas.

Sons da solidão
saudades no coração.

Instantes

Descoberta das mãos
aconchego de colos
brinquedos
passeios
páginas de cadernos
as letras, os números
vozes dos irmãos, de papai, de mamãe
conversas de amigas
primeira comunhão
olhares amorosos
músicas inesquecíveis
o amor...
Os bailinhos
o grande dia
vestido branco, flores no altar
um chorinho de criança
encantamento
vozes infantis povoando o lar
nuvens cinzentas
névoas
cabelos esbranquiçados
faz tanto tempo
momentos distantes
saudades
instantes esfumaçados
do passado...

E a vida continua...

Manhã nublada de domingo,
dia de eleição,
com aquela votação.
Lá fui eu preocupada,
com tanta obrigação.

Na escola, em que trabalhei,
e por tantos anos me dediquei,
teria que votar,
teria que voltar...

Em cada canto ao entrar,
quanta coisa a lembrar,
pátio, corredor, salas,
que muitas vezes percorri,
até o momento de partir.

Num relance, a todos revi:
Alunos, colegas, amigos, funcionários
e o diretor estimado,
que tanto acreditou em mim,
dando ao meu trabalho valor,
com todo apoio e calor...

Mas tudo acabou,
num instante se apagou,
somente saudades ficou,
do lugar que me encantou.

Não adianta chorar,
muito menos lamentar,
por isso devo largar
essa imensa tristeza,
que nada adianta, com certeza.

Outros ciclos vieram,
quem sabe, até gratificantes.
Outros caminhos surgiram,
talvez mais significantes.

Novas tarefas se apresentaram,
na experiência já percorrida.
Talvez muito mais sofridas,
sem dúvida, mais penosas,
mas também mais vitoriosas

Que delícia... ser criança !

Criança, inocência, promessa, esperança...
Criança está em toda parte:
Nos sonhos, nas ruas, embaixo de, em cima de,
dentro de algum lugar.
Está nas árvores, nas casas, nos rios, nos jardins...
Por todo lado, ouve-se sua voz, seus gritos, suas canções.
Fala o que quer, ouve um tanto, só o que interessa.
Distrai-se com tampas de panela, sapatos altos, qualquer coisa.
Enfeita-se com a maquiagem de mamãe: seus batons, seus
esmaltes,
e até com suas roupas.
Com seus lápis de cor e guaches, desenha as paredes, os
armários,
Rabisca os livros, rasga e recorta gravuras.
Mexe em tudo... conversa com os brinquedos,
Guarda tatuzinhos em caixinhas de fósforo,
lambuza o rosto com chocolates.
Roupa nova, limpinha, pra quê?
Num instante, está amassada, suja e até rasgada.
Nos bolsinhos da calça, enfia tudo o que se tem direito:
Bolachas quebradas, gravetos, balas, carretéis, barbante, prego.
Adora correr, pular, rolar.
Pentear cabelo, que suplício!
Quantas vezes há chicletes grudados nos fios.
Bolinhas, bem miúdas, ou grãos de feijão
são para ser enfiados no nariz ou no ouvido.
As tomadas...ah! as tomadas,
só servem para colocar os dedinhos.
Como gosta de sorvete, bolachinhas de chocolate,
Batatinha frita, pipoca, coca-cola, brigadeiro.

Comida? Que horror! Detesta.
Domingo... dia esperado: passeios com papai e mamãe,
andar de carro de lá pra cá, ir à casa de vovó.
Afinal, ela faz tudo que a gente quer...
Criança transforma o mundo num conto de fadas,
tudo pra ela é um faz-de-conta
Seus olhos não vêem o feio,
seus ouvidos não percebem a maldade,
seus braços estão sempre abertos para um abraço.
Trazem, dentro de si, reflexos do céus.
Por que não reviver sempre em nós,
A criança que fomos
com nossa alegria,
nossos sonhos,
nosso mundo de magia?

Perfume de amor

Perto, muito perto...
Abraçados, apaixonados.
Salão em penumbra,
apenas sobressai o par.
O azulado do salão
lembra a noite de luar,
que reflete na renda
do vestido da jovem.
Enlaçados, rodopiam.
Música pelo ar:
“La noche em que me quieres...”
Os braços fortes do companheiro
transmitem a união de dois corações.
Perfumes suaves, adocicados,
de um sentimento de amor
Espalham-se pelo ar,
Envolvem o par
E a todos que participam,
Compartilham de um momento
Inesquecível,
indescritível
eterno.....

Filmar... que prazer!

Não tenho uma câmera filmadora
nem sei filmar...

Mas tenho meu olhar,
que guarda as coisas belas
de qualquer lugar,
que guarda os movimentos
a rodar, a rolar...

Assim vou eu
pelos caminhos a andar,
penetro nos corações:
Às vezes, repletos de emoções,
às vezes, cheios de dor,
Pois perderam o seu calor.
Vagueio pelas campinas,
no meio de plantações.

Percebo o colorido
daquele tapete florido.

Agora, subo montanhas,
E, lá do alto, vejo a cidade
como um perdido pontinho,
ora vermelho, ora branquinho.

Lá vou eu com meu olhar.
Quero sentir o azul do mar,
com as ondas a bater,
Que sempre me faz sonhar...

Sonhar, coisas gostosas
e muito prazerosas,
com seu frescor a marulhar.

Oh! Crianças lá estão,
com seus gritinhos a brincar,
com suas mãozinhas a dançar,
e um casal a namorar,
com segredos a sussurrar.
Meu olhar não deixa de filmar
coisas belas e coisas boas,
para o pensamento distrair
e a tristeza esquecer,
para deixar a dor partir
e a alma aquecer...
*“Minha câmera a filmar
sempre me leva a sonhar.
eu não canso de procurar
tudo que possa admirar.”*

Terra inesquecível

Lá, tapetes verdes das montanhas
Céu azul, nas manhãs límpidas
Estrelas brilhantes, bordadas no manto da noite

Cá, espigões cinzas
Céu nublado, esfumaçado
Noite escura, sem enfeites decorada.

Lá, conversas sem fim nos alpendres
Aconchego dos familiares
Hospitalidade às visitas

Cá, isolamento
Parentes distantes
Receio de estranhos

Lá, quitutes sempre à mesa:
Bolo de fubá, sequilhos, docinhos caseiros
Carne de porco, torresmo, couve, farofa
Galinha ao molho pardo, arroz na panela de pedra

Cá, quilões, lanchonetes
Café expresso, capuccino
Restaurantes incrementados
Shoppings, extravagâncias

Lá, terra dos sonhos
Raízes, antepassados
Cá, terra estrangeira
Com estradas passageiras

Lá, há uma história
Com lembranças do passado
Cá, há só ilusão
Que não toca no coração



O rastro luminoso de um cometa...

Estou para lá da cortina da vida, muito além dos desvios e encruzilhadas das estradas. Um silêncio de paz me cerca. Encontro-me só. Apenas rodeado pelos sons de músicas celestiais. Sentado, numa relva macia, leio, nas páginas amareladas de um livro, a minha própria história.

Quase uma criança, com somente onze anos, comecei minha labuta. Trabalhava na “Bombril”, pois desejava auxiliar meus pais, mesmo que fosse um pouquinho. Com meu primeiro salário, comprei uma máquina de lavar para mamãe. Cansei de vê-la esfregando as roupas encardidas de papai e de minhas irmãs.

Por sorte, com a ajuda de um parente, que ocupava um alto cargo na Magistratura, consegui entrar, como menor, no Tribunal de Justiça. Lá fazia pequenos serviços, como: servir café, levar de uma seção para outra, processos, documentos e o que precisassem... Nessa época, tinha treze anos e passei a morar com vovó, pois meus pais passavam por enormes dificuldades. Repartia a garagem com meu tio. Lá, era meu quarto. Quando uma roupa não servia mais para ele, dava-me carinhosamente. Uma tia, que também morava, ainda, com vovó, com seu coração maravilhoso, comprava-me livros pedidos na escola. Assim, feliz da vida, trabalhava o dia todo e, à noite, estudava no “Caetano de Campos”. Era uma escola puxada, apesar de ser “Estadual”. Mas, sem dúvida, ela me deu a base para tudo que veio depois.

Contudo sempre desejei melhorar, ganhar um pouco mais. Desta forma, cursei na Escola Técnica “Álvares Penteado”, Contabilidade, pois, assim, teria a chance de ocupar um cargo melhor no Tribunal. Já contador, inventei uma tal de “Caixinha”, onde todos os funcionários aplicavam pequenas quantias de suas reservas.

Porém não desejava parar aí. Frequentei o Cursinho do Professor Azevedinho para tentar entrar na Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Meu sonho era trilhar a carreira jurídica.

Quando estava no 4º ano, conheci, no Fórum, uma funcionária, que me encantou. Com ela vim me casar, formando uma família, que tanto amei e a qual me dediquei de corpo e alma.

Mas não parei por aí. Com muito esforço, aos vinte e três anos, tornei-me juiz. Como juiz substituto, morei em Campinas. Logo me efetivei, e minha 1ª Comarca foi Caconde, uma cidadezinha aconchegante, com lindas paisagens e uma bela represa, circundada de chácaras. Muitas amizades deixei por lá. Após oito anos, voltei para São Paulo, onde iniciei um Curso de Pós-Graduação. Ao me aposentar, desejava ser professor universitário. Assim, em poucos anos, fiz o “Mestrado”, “Doutorado”, “Livre-Docência” e, ao concluir uma bolsa de estudo, na Alemanha, no Instituto Maxplan, conquistei, na USP, a cadeira de Direito Penal. Uma vez que era um apaixonado por esse ramo do Direito.

Aposentando no Tribunal, dediquei-me inteiramente à docência. Até que fui designado “Assistente de Direção” da São Francisco. Mas, mesmo assim, continuei a dar aula na Graduação e Pós-Graduação. Divertia-me com meus alunos. Brincando, rindo, passava-lhes informações preciosas.

Gostaria de dizer-lhes que sempre procurei dar atenção a minha família: não só passeava com eles, viajava, como também lhes acompanhava no estudo. Durante o verão, íamos para Itanhaém, no inverno, visitávamos os parentes mineiros, ou fazíamos pequenas viagens.

Quase ia me esquecendo. Adoro cozinhar. E os almoços das grandes comemorações eram feitos por mim. Minha especialidade: frango desossado, peixes feitos no Shoyo, cuscuz à moda D. Elvira (minha avó), maioneses enfeitadas e, modéstia à parte, era exímio no preparo de qualquer tipo de carne.

Até que, numa das últimas férias, fomos a Caxambu. Uma tossinha não me largava. Mas, na minha cabeça, era apenas stress, ou nervoso. Uma chapa de pulmão constatou a doença. Essa seria uma luta muito maior que as anteriores. Sempre, com pensamento positivo, dizia a mim mesmo, “hei de vencer”, jamais seria derrubado por ela.

Logo vieram as químios e outros tratamentos. Mesmo assim não deixei de trabalhar. Um bonezinho disfarçava a queda dos cabelos. E, com fé, acreditando no melhor, consegui, aos trancos e barrancos, vencer esse mal.

Últimas férias de julho...ano, 2007, estava exausto, muito trabalho e problemas na Faculdade, precisava descansar, dormir e recuperar as forças. Resolvi passar um fim de semana em Monte Verde, apesar do frio intenso. E lá fui eu. Prometi à família, que, ao voltar, iríamos passar alguns dias na casinha da praia.

Mas não retornei...Parti para as estradas de estrelas, para lugares maravilhosos, sem dor, sem sofrimento, sem preocupações. Havia cumprido minha missão...para as pessoas, que amei, dizem que deixei sementes de conhecimento, ramos de bondade, frutos de afetos e flores perfumadas de sorrisos, de apoios, de palavras amigas.

Por aqui, para lá da cortina da vida, estou a zelar por todos que subiram no meu barco da vida...

Balanço da vida

Julho, mês cheio de recordações. Assim, ao retornar ao passado, resolvi fazer uma reflexão sobre a trajetória de minha vida.

Envelheci rapidamente, as preocupações sempre tomaram conta de meus pensamentos, mas confesso que eram com as pessoas, que me cercavam, desejava, sempre, fazer o melhor por elas.

Decepções não faltaram, contudo encontrei amigos, que me passaram muito carinho, e me deram apoio.

Não realizei todos os meus sonhos, porém não desisti, tentei até não dar mais.

Inúmeras vezes escorreguei e até caí. Levantei-me, toda quebrada, e continuei.

Muitas vezes, o Sol deixou de brilhar, desta forma, peguei um guarda-chuva e, toda encharcada, tentei seguir.

Quantas vezes, fui mal interpretada, minhas palavras torcidas.” Que fazer?”-perguntava-me a mim mesma. Contudo jamais desejava assumir o papel de vítima, pois minha consciência estava tranquila.

Malquerenças? Quem não as tem. Nunca iremos agradar a todos. Mas humildade não me faltou para aceitar as mãos, que se estenderam em minha direção.

Percebi que falhei inúmeras vezes, mas continuei meu caminho, tentando consertar os desacertos.

Muitas vezes, tive decepções com amizades, mas aprendi que os verdadeiros amigos nunca nos abandonam.

A vida, por vezes, deixou de ser colorida. Não mais o céu azul, a noite estrelada. E, assim, aprendi desenhá-los no meu interior.

Ao olhar para trás, senti que não havia grandes coisas para serem comemoradas. O jeito foi alegrar-me com as pequenas conquistas, poucas, mas houve.

Sabe, por vezes, desejei ser de outro modo, contudo vou esforçar-me para aceitar-me como sou.

Neste restinho que me falta, prometo a mim mesma, vou lutar para ser melhor e fazer tudo o melhor que puder.

No balanço da vida, pelo menos, uma certeza tenho: até aqui tudo valeu a pena, pois, em cada momento, fiz o que podia, o que estava ao meu alcance.

Em busca de um sonho...

Mês de julho...um frio cortante. A noite descia mais cedo na cidadezinha do interior, cercada de serras verdejantes. Seus habitantes se recolhiam ao entardecer. Cerravam as janelas, agasalhavam-se e buscavam alguma coisa quente para tomar: chá, um cafezinho, ou mesmo, um copo de leite pelando, sempre acompanhados de bolo, bolachas e deliciosos biscoitos.

Lá estava ela...verificava as malas, a valise, para ver se não havia esquecido de alguma coisa. Subia e descia as escadas, sempre seguida por seus cachorrinhos, ou gatos.

Até que enfim chegara o dia. Deixaria sua casa, bichinhos, alunas de pintura, cerâmica, além da escola, onde lecionava francês.

Durante anos, juntara a quantia necessária para realizar um sonho: conhecer a Europa, com seus pintores divinos, entre eles, Velasquez, pintor do século XVII, natural de Sevilha, e seguir até “A Terra Santa”, onde percorreria as pegadas do “Grande Mestre”.

Tudo preparado, a excursão a esperava e encontraria suas companheiras de viagem. Vestiu-se, elegantemente, com seu “tailleur” pretinho, despediu-se de seus familiares, beijou todos os seus bichinhos, dizendo-lhes, carinhosamente, “as estrelas do céu tomarão conta de vocês”, abraçou, ternamente, seu companheiro, também, pintor e partiu.

A alegria era tanta, que até se esqueceu de uma dor de cabeça que a acompanhava já há tempos.

Finalmente, Sevilha, iria conhecer a cidade de seu pintor predileto.

Ciladas do destino...Mal pisou, nesta cidade, e a dor na cabeça foi tão intensa que perdeu os sentidos...Acudiram-na...mas já era tarde. Um aneurisma a levou...

Juntou-se às estrelas para brilhar no caminho daqueles que tanto amara.

Caminhar.... na corda bamba da vida

Outro dia, no finzinho da tarde, enquanto preparava o jantar, para distrair as idéias, ouvia, no meu famoso radinho de pilha, na Rádio “Mundial”, minha estação predileta, um de seus comunicadores. Para dar uma bela sacudida nos ouvintes, transmitia as “Receitas para ficar doente”.

Nem preciso citá-las, porque cada um de nós sabe perfeitamente onde aperta o sapato.

Pensativa, ainda acrescentei, “ao ficar doente, envelhecemos e a motivação para continuar a estrada da vida desaparece. Nada mais nos interessa. Lamúrias, prantos e queixas nos envolvem. Viramos pessoas profundamente desagradáveis”.

Que tal encontrar receitas para conservar a juventude do corpo e da alma?

Bem, vou arriscar algumas. Quem sabe servirão não só para mim, como para os outros.

Esqueça dos números: idade, peso, altura. Deixe isso para os doutores, com seus olhos clínicos e exames sem fim.

Amigos? Procure os de alto astral, os outros só servem para puxar você para baixo.

Aprenda, aprenda sem parar. Leia, procure novos conhecimentos, atualizando-se nas tecnologias que surgem. Cabeça desocupada só traz pensamentos negativos.

Tristeza, dores da alma fazem parte da vida. Chore, derrame rios de lágrimas, mas se levante e vá adiante.

Busque tudo que lhe dá prazer: sua família, animais, paisagens bonitas, plantas, pintura, leituras, escrever o que lhe vem à cabeça.

Conserve sua saúde: alimentação correta, caminhadas, um bom sono...

Esqueça as mágoas, as falhas do passado...Aproveite o presente, este é que vale agora.

Sorria, cante, transmita alegria aos que a rodeiam.

Reze, confie, tenha esperança, pois o "Pai Maior" nunca nos abandonará.

Talvez sejam essas as receitas para não só conservar a juventude do corpo e da alma, como também continuar caminhando na corda bamba da vida...

Coitada da Teimosa, por pouco!

Estávamos todos reunidos, lá no quintal da casa de meus pais, saboreando o famoso churrasco dos domingos.

A tarde passava com conversas sem fim e histórias e mais histórias eram transmitidas. Nada de coisas tristes e as gargalhadas ecoavam pelo ar.

Até que me lembrei de um caso verdadeiro acontecido com um parente.

-Com licença, mas eu preciso contar para vocês uma conversa muito engraçada:

Isso aconteceu lá na casa do Tio Tônico. Como vocês sabem, ele mora na roça. Não sai daquele lugar por nada desse mundo. Adora aquele cantinho.

Um dia, resolveu dar uma bronca no seu caseiro, Tião. Estava cansado de espantar sua cachorra. Que além de pulguenta, vivia comendo as coisas, não só alimentos, como sapatos, roupas, o que quer que fosse.

Assim, reclamou:

- Tião, não deixe sua cadela entrar na minha casa! Você não vê! Ela está cheia de pulgas...

Na hora, Tião levou-a para fora, dizendo baixinho:

-Teimosa, largue de entrar na casa de Nhô Tônico. Você não ouviu o que ele falou? Lá está cheio de pulgas.

E caminhando apressadamente, sempre acompanhado pela cachorra, matutava: "Ainda bem que a danadinha entendeu e veio comigo. Por pouco, ia ficar numa coceira só, talhadinha daqueles bichinhos da peste!"

O prometido... quase impossível

Poxa! Que falta de sorte...Após essa cirurgia, a retirada de um intestino, quase impossível realizar a reportagem para o jornal. Sinto-me fraco, mal posso caminhar. Como! com esse frio danado de junho, poderei percorrer quermesses e, além disso, ir até ao Centro, para fazer entrevistas com o povão sobre o início da “Copa Mundial”?

Bem, tenho uma saída. Vou sentar-me aqui na poltrona, agasalhar-me bem, pedir alguma coisa quente para minha adorada esposa, chamar meus cachorrinhos para fazer-me companhia e assistir à TV, atualizando-me sobre os acontecimentos. Depois, tentarei escrever algum artigo e apresentar ao chefe. Gostando, ou não, é o que posso fazer.

Mas que loucura! O país inteiro está parado. Pipoca? Bolo de fubá? Tudo ao redor da telinha. Um corre-corre de carros, transportes superlotados, supermercados fechados...

Tudo ilusão...tudo passageiro, mas, sem dúvida, muita alegria. Será que apenas instantes nos trazem prazer? Será que não temos momentos mais duradouros? Em geral, é o que vem de fora que nos atrai e distrai. Poucos procuram alegrias interiores, nem sabem de sua existência. E, nessas ocasiões, todos procuram tirar proveito: vende-se daqui, compra-se dali, um consumismo desenfreado. A única voz que se ouve é do locutor, o famoso Galvão...E, ao passar esse momento, tudo volta ao normal, inclusive nossas dificuldades. Daqui a pouco, tudo estará no esquecimento, a vida continuando como se nada tivesse acontecido.

Contudo, para dar ainda um pouco de alegria, outros acontecimentos vão se anunciando...

Tudo fugaz...como nossa caminhada.

Tudo esfumaça...nessa triste estrada.

Mas há esperança,

Pra que tudo permaneça,

Num lugar só de beleza,

Num lugar só de pureza.

Lá, só há calma,

É o interior de nossa alma...

A cantora francesa

- Roteiro de Cinema -

1) Era uma cantina famosa da capital paulistana, finamente decorada, proporcionando um ambiente aconchegante aos frequentadores. Num dos cantos, havia uma mesinha, iluminada pela luz branda de um delicado abajur, e, sobre ela, achava-se um livro de couro, muito antigo, cujo título, já quase ilegível, era de filigrama dourado. **2)** Um dos assíduos fregueses, curioso com o fato, já há tempo observado, resolveu perguntar ao dono do local, o porquê daquele recanto, tão resguardado. **3)** Os olhos de Genaro, o velho proprietário, encheram-se de lágrimas. As lembranças vieram à tona, à medida que contava, ao rapaz, seu romance com uma cantora francesa, que, por lá esteve, nos meados do século passado. **4)** Um dia, ao receber uma carta de sua terra, teve que partir. Como recordação, deixou-lhe um livro, com todas as canções de seu repertório. Aquela mesa era onde ficavam conversando, após as luzes se apagarem.

O Professor “Sabe Tudo”

Estava sentada em minha carteira, após a aula de um professor muito culto, pensando na vida e no monte de trabalhos a fazer, quando observei a lousa, com os escritos daquele mestre. Tanta coisa em sua cabeça, que esquecera de apagar o quadro-negro.

Logicamente, alguém iria fazer isso.

Olhe só! Lá vem as minhas três amigas. É hoje que vou divertir-me um pouco. Chega de levar a vida tão a sério. Só responsabilidades, só problemas, só deveres a cumprir...Que coisa aborrecida...

-Durva, querida, veja a lousa, o professor esqueceu de apagá-la! Faça esse favor para ele. Mas eu sugiro que esfregue seu cabelo molhadinho sobre ela. Assim, tudo ficará limpo.

-Acho que você não está regulando! Onde se viu fazer uma asneira desse tamanho e por quê?

-Ora, ele não se chama Professor “Sabe Tudo”! Dessa forma, você não só saberá fazer interpretações de texto, mas conhecerá toda a literatura. Afinal, sempre desejou isso!

-Tchauzinho, acho que ficou maluca!

-Sonia, minha adorada. Que tal apagar a lousa com as pontas dos dedos? Só assim você aprenderá, num instante, a tecer e a pintar lindas peças de artesanato. Pode estar certa, muito mais bonitas do que aquele cachecol que deu à Violeta.

-Durva tem razão, penso que não está batendo bem da cabeça. Tchau, tchau...Passe bem com suas bobearias.

-Violeta, restou você. Não se vá, pois estará perdendo uma grande oportunidade. Vejo que está carregando, em sua pasta, algumas partituras de compositores famosos. Naturalmente irá estudá-las para apresentar-se em algum concerto. Isso vai demorar dias, semanas e até meses. Tenho uma idéia...Por que não limpar a lousa com elas. Num estalar de dedos, saberá tocar tudo. Basta aproximar-se das letras escritas e os conhecimentos de nosso professor passará para você.

-Sabe, minha amiga, vou confiar em você, pois suas palavras são tão positivas que me convenceram.

E lá foi ela...enquanto eu ria por dentro, só pensando: “há tanta gente otária neste mundo”.

De olhos fechados, nem reparei que Violeta deixara a sala de aula.

De repente, escutei o som de um piano, músicas divinas ecoavam. Ora, ora, não é que deu certo! E eu que pensei estar enganando a amiga, mas quem se enganou fui eu...Que mancada...nunca mais

Em busca do outro...

Lá estava ela, sentada em sua cadeira de rodas, na sua velhice, no seu isolamento, nas suas dores, olhando tristemente através da janela. Trazia, em suas mãos deformadas, as agulhas de crochê, com as quais tecia, vagarosamente, o xale azulado.

Quantas lembranças povoavam sua memória: sua vida de casada; a vinda e criação dos filhos; a escola, em que lecionava, com as salas repletas de alunos indisciplinados, mas amorosos, trazendo-lhe vida.

Tudo passou... Entes queridos partiram; os filhos, os alunos seguiram seus caminhos; os cabelos embranqueceram; a vista se tornou fraca, mal conseguia ler; os membros doloridos impediam-na das caminhadas, do corre-corre de uma dona de casa. Dependia de todos para tudo, até para banhar-se e vestir-se. Só saía para ir aos médicos, dos quais ouvia: "Como a senhora está bem! Na sua idade e com todos os males que têm". Voltava para casa cabisbaixa, com o coração apertado. Ou mudaria sua vida, ou, sinceramente, não aguentaria aquela solidão muito tempo.

Assim, resolveu tomar algumas decisões. Não seria sua idade que a impediria. Chamou Maria, sua fiel serviçal, de tantos anos. Pediu-lhe que fosse pela vizinhança e anunciasse a todas as crianças, que encontrasse que sua patroa e amiga estaria, aos sábados e domingos, lá na pracinha, não só para contar lindas histórias, como também, distribuir docinhos feitos por ela.

Na primeira vez, poucas compareceram, mas, em cada semana, aumentavam os ouvintes. Depois de alguns meses, vinham os filhos acompanhados das mães. Sabia o nome de quase todos, que, carinhosamente, se sentavam em seu colo e passavam suas mãozinhas em seu rosto. Novas idéias foram surgindo, "por que não ensinar às mães a ler, escrever, costurar, bordar e outros trabalhos manuais, além de algumas receitas de seus quitutes?"

Incrível! Com o tempo largou a cadeira de rodas, as dores melhoraram, às vezes, nem usava os óculos. Os encontros não eram mais só na pracinha. Sua casa, também, sempre estava cheia. Amigas não lhe faltavam. Não havia tempo para tristezas.

Acabou-se a solidão,

Apagou-se o passado,

Encontrou na união,

O que sempre tinha buscado...

As roseiras

O conto, “Os Morangos”, de Giselda Laporta Nicolelis, deixou-me pensativa. Como um homem, que ama sua mulher, teria coragem não só de matá-la, como também enterrá-la, no seu jardim, e plantar morangos, onde ela se encontrava? Morangos bem vermelhos, apetitosos, lindos! Tão lindos quanto fora Mariana, mas com gosto de terra, que estragavam o seu sabor. Assim também era ela, linda como uma flor, porém desleixada, preguiçosa, com um terrível gênio, sempre descontente, exigindo dele o impossível...

No mesmo instante, voltei para o passado. Lembrei-me de um fato, ao contrário do conto, cheio de ternura, repleto de afeto.

Meu marido e eu guardávamos uma tradição de família: cada filho, que nascia, ao ser retirado o cordão umbilical, levávamos para casa, protegido num vidrinho com formol. Com toda calma, após a euforia dos primeiros dias, escolhíamos o canteiro mais aconchegante de nosso jardim e lá o enterrávamos, buscando, em seguida, a muda de roseira mais saudável, para ser plantada naquele lugar. Após alguns meses, ela florescia, tão bela, com sua folhagem verdinha e galhos repletos de espinhos para protegê-la.

Mudamos várias vezes, não só de casa, como também de cidade. Para onde íamos, lá iam nossas roseiras, recordando o nascimento de nossos quatro filhos.

Os filhos cresceram, meu companheiro partiu, seguindo o caminho das estrelas brilhantes...

Mas as roseiras lá estão uma de cada cor: branca, alaranjada, rosa e vermelha...

Feliz lembrança,

Cheia de esperança.

Repleta de pureza,

Envolta em beleza...

O esperado jantar

Final de semana, até que enfim chegou a sexta-feira. Meu marido e eu estávamos exaustos, pois, além de nossos trabalhos profissionais, tínhamos a preocupação constante com a criação de nossos quatro filhos, uma escadinha, a mais velha com dez anos, os outros, com nove, sete e o caçula, ainda, com cinco aninhos.

De repente, o telefone tocou. Carlos, tranquilamente deitado no sofá, assistindo à TV, para espairecer, esticou o braço para atendê-lo.

Quase, imediatamente, sentou-se, alisou seus cabelos, e dizia:

-Quando mesmo, doutor? Amanhã! É mesmo para levar toda a família? Como o Sr. sabe, as crianças são pequenas....Agradeço-lhe pelo gentil convite. Sem dúvida, estaremos aí, às sete horas da noite. Só para confirmar, seu endereço é Avenida República do Líbano, 434, aptº 1103, 11º andar. Bem, mais uma vez, obrigado pelo convite, amanhã sem falta, estaremos aí, com todo bandinho, não só para saborear o jantar de sua esposa, como também para ouvi-lo tocar o teclado, que, como já me disse, parece uma orquestra.

-Maria! Maria! Imagine que o Dr. Mendes, dono daquele renomado escritório de advocacia, de quem já lhe falei muitas vezes, nos convidou para jantar, amanhã, lá no seu apartamento. Que honra! Trate de arranjar este cabelo, escolha a roupa mais fina que tem, e vista as crianças com esmero. Se precisarem de sapatos novos, ou de alguma roupa, diga-me, pois, ainda dá tempo de comprar.

Mal dormimos, naquela noite, preocupados para não fazer fiasco. Também, não conhecíamos sua esposa, só sabíamos que era bem mais jovem que ele, por volta de trinta anos, enquanto ele, já entrara na casa dos cinquenta, embora não aparentasse.

Chegou o momento esperado. As crianças bem vestidas, eu até fui ao cabeleireiro, vesti-me o melhor possível, usei um conjunto azulado, guardado para as grandes ocasiões. Meu marido pôs o seu melhor terno. Enfim, estávamos preparados para aquele fino jantar. Ainda, tivemos a idéia de comprar um buquê de rosas, para ofertar à jovem esposa do Dr.

Pelo caminho, dávamos, sem parar, recomendações às crianças: “Sejam educados, não mexam em nada, agradeçam tudo que lhes oferecerem...”

Lá estávamos nós...Que prédio lindo! Um tanto trêmulos tocamos a campainha...Demoraram para atender. Eis que uma jovem senhora, loirinha, mignon e muito bonita, abriu a porta e perguntou-nos:

-Quem são vocês? Por acaso clientes do Mendes? Um minuto, vou chamá-lo, entrem, por favor.

Eu, com as flores nos braços, não sabia o que fazer. Carlos olhava as crianças, que, por incrível que pareça, estavam quietinhas. Será que não estavam com medo?

De repente, surgiu o Dr. Mendes, ao lado da bela loirinha, com olhos arregalados e muito assustada.

-Carlos, desculpe-me, mas minha filha adoeceu, está com uma forte gripe, acamada, e Eliana não teve tempo para cuidar de nosso jantar. Por outro lado, com esta preocupação, esqueci-me de avisá-lo para vir outro dia. Mas, não tem importância, que tal irmos a uma cantina?

Meu marido, compreendendo a situação, respondeu-lhe educadamente:

-Dr. Mendes, fique tranquilo...com filha doente não tem cabimento o Sr. sair. Talvez tenha que comprar remédio, ou mesmo consultar um médico. E, além disso, sua esposa precisa de seu apoio.

Em seguida, levantamos, Maria entregou as flores à Eliana, as crianças falaram boa-noite e muito obrigada por tudo e descemos. No elevador, respiramos aliviados, o jantar não deu certo, mas, quem sabe, não foi melhor assim. Achamos que Dr. Mendes nem havia dito nada à esposa.

Carlos, sempre de bom humor, disse:

-Maria, vamos dar uma passada em casa, trocar de roupa, e comer aquela deliciosa pizza lá do “Restaurante do Zé”. Nossos filhos vão adorar, pois lá tem música ao vivo.